

Galeria é a 1^a no samba

A Escola de Samba Galeria do Ritmo levou, ontem, o título de campeã do Carnaval de Pernambuco em 2002. A Gigante do Samba ficou com o segundo lugar por apenas um ponto de diferença, numa apuração marcada por muita ansiedade. As notas começaram a ser anunciadas no início da tarde, no Pátio de São Pedro, e o resultado só foi conhecido às 17h30. Ao todo, 18 agremiações participaram do desfile, que foi dividido em grupo 1 (especial) e grupo 2 (de acesso). As duas últimas colocadas do grupo 1 estarão rebaixadas para o grupo 2, e as duas primeiras do grupo 2 passarão para o grupo especial.

A grande campeã do desfile já participa do Carnaval há 39 anos e conquistou seu 9º campeonato com o enredo *Petrolina, da água ao vinho*. No grupo 2, venceram Deixa Falar com a primeira colocação e Gente Inocente como vice. A *Deixa falar*, antigo bloco carnavalesco, participou pela primeira vez como escola de samba e já fogue o campeonato com o enredo *Festa do Samba na Terra do Boi Bumbá*.

A PCR ficou responsável pela organização dos desfiles na Dantas Barreto e trouxe algumas mudanças neste ano. O desfile das escolas pertencentes à Federação de Escolas de Samba de Pernambuco (Fesape) e à Associação das Escolas de Samba de Pernambuco (Aesp) foi unificado, quebrando a tradição de anos anteriores. A premiação será, além do troféu, uma quantia em dinheiro ainda sem data para ser entregue. Em relação às escolas pertencentes ao grupo 1, a primeira colocada vai receber R\$ 3 mil, e a segunda, R\$ 2 mil. Já a premiação para o grupo 2 será de R\$ 2 mil para a campeã e de R\$ 1 mil para a vice.

Antes das escolas de samba, outras categorias de desfilantes no Carnaval pernabucano foram premiadas por suas performances na passarela da Dantas Barreto. Os maracatus *Estrela Brilhante* e *Porto Rico* dividiram a primeira colocação no segmento Maracatu de Baque Virado. Já para o Maracatu Rural, o campeão foi o *Cruzeiro do Forte*. Entre os Caboclinhos, venceu o *Canindé do Recife*. Mostrando a disputa acirrada deste ano, o *Clube de Boneco Comilão* ganhou por apenas um ponto do segundo colocado, o *Boneco Tadeu do Frevo*. O *Bloco Banhistas do Pina* foi primeiro lugar em sua categoria. Melhor Clube de Frevo foi o *Pás Douradas*. A *Troça Tô Chegando Agora* também levou o primeiro lugar entre as troças carnavalescas. O melhor boi foi o *Faceiro* e o melhor urso, o *Branco do Zé*.

Terreiros são estudados em pesquisa feita por fundação

Trabalho Na rota dos escravos quer identificar manifestações no País

Renata Beltrão
DA EQUIPE DO DIÁRIO

Locais onde a cultura negra do País aparece com mais força, os terreiros de religiões afro-brasileiras estão sendo alvo de uma grande pesquisa nacional. A iniciativa é da União dos Negros pela Igualdade (Unegro) com coordenação nacional da Fundação Palmares, um segmento do Ministério da Cultura voltado para a preservação da herança negra. O estudo *Na rota dos escravos* tem o objetivo de identificar as diversas matizes africanas e suas manifestações ao redor do Brasil.

A preocupação é principalmente com o grande crescimento das religiões afro-brasileiras em todo o País e com o conseqüente aumento no número de terreiros. Com esta ampliação, há uma maior tendência a variações nas práticas rituais – e isso é uma das coisas que o estudo pretende identificar. As nações mais comuns já conhecidas são a Nagô (proveniente da Nigéria), Xambá (sul

do Sudão) e Gegi (Daomé). O Ketu, que não existia no Brasil até bem pouco tempo, já começa a ser identificado em alguns terreiros.

A pesquisa poderia até mesmo ser comparada com um censo. De acordo com o coordenador dos trabalhos em Pernambuco, o antropólogo Manoel da Costa, a União dos Negros pela Igualdade pretende também ver como andam vivendo os babalorixás e as entidades a que

UNIÃO DOS NEGROS PELA IGUALDADE TAMBÉM PRETENDE VER COMO ANDAM OS BABALORIXÁS E AS ENTIDADES A QUE ELES ESTÃO LIGADAS

estão ligados. "Não sabemos muita coisa sobre a situação dos terreiros, ou sobre a qualidade de vida das pessoas envolvidas com o candomblé. Há uma grande dificuldade, porque os pais-de-santo e mães-



Antropólogo Manoel da Costa coordena os trabalhos em Pernambuco e acredita que estudos poderiam ser comparados a um censo

de-santo ainda temem muito a repressão da polícia", explicou o antropólogo.

O antropólogo Manoel da Costa se refere ao período entre os anos 1937 e 1948, época do Estado Novo, em que os terreiros pernambucanos foram alvo de grandes atrocidades. "Por ordem de políticos e sem autorização alguma, policiais invadiam e fechavam as casas de candomblé. Os pais-de-santo, com medo de serem presos, enterravam os objetos dos rituais nas matas e nas praias. Por 10 anos as atividades ficaram quase paradas", diz o estudioso.

Com isso, houve grande prejuízo para a cultura do Estado, pois as tradições negras são repassadas oralmente e, sem a prática, muitos ri-

tuais – ou mesmo as línguas africanas – deixaram de ser transmitidos.

O antropólogo ressalta também que os terreiros sofreram prejuízos impostos desde o momento em que eram instalados no Estado. "Para se ter uma idéia da discriminação, os terreiros eram registrados na Secretaria de Costumes. A mesma que controlava os cabarés, os parques e outras casas de diversão", disse Costa.

Por conta dessa antiga resistência, a União dos Negros pela Igualdade está apelando aos pais-de-santo e mães-de-santo do Estado para colaborar no trabalho, recebendo bem os pesquisadores e fornecendo-lhes informações corretas. Em Pernambuco, a equipe conta com 15 pessoas, todas ligadas à umbanda e portanto habilitadas a identificar as características dos terreiros para a pesquisa nacional.

Vida Urbana

Anuncie aqui e a cidade inteira vai ficar de olho na sua marca.

309.000

pessoas lêem o noticiário local do Diário, de segunda a domingo.

116.000

destes leitores do Diário pretendem comprar objetos de decoração, móveis, estantes, armários.

Departamento Comercial: 3425.7777
Classified: 3419.9000

DIÁRIO DE PERNAMBUCO

Participa do Grupo Odebrecht

Trabalho Na rota dos escravos quer identificar manifestações no País

Renata Beltrão

DA EQUIPE DO DIÁRIO

Locais onde a cultura negra do País aparece com mais força, os terreiros de religiões afro-brasileiras estão sendo alvo de uma grande pesquisa nacional. A iniciativa é da União dos Negros pela Igualdade (Unegro) com coordenação nacional da Fundação Palmares, um segmento do Ministério da Cultura voltado para a preservação da herança negra. O estudo *Na rota dos escravos* tem o objetivo de identificar as diversas matizes africanas e suas manifestações ao redor do Brasil.

A preocupação é principalmente com o grande crescimento das religiões afro-brasileiras em todo o País e com o conseqüente aumento no número de terreiros. Com esta ampliação, há uma maior tendência a variações nas práticas rituais — e isso é uma das coisas que o estudo pretende identificar. As nações mais comuns já conhecidas são a Nagô (proveniente da Nigéria), Xambá (sul

do Sudão) e Gegi (Daomé). O Ketu, que não existia no Brasil até bem pouco tempo, já começa a ser identificado em alguns terreiros.

A pesquisa poderia até mesmo ser comparada com um censo. De acordo com o coordenador dos trabalhos em Pernambuco, o antropólogo Manoel da Costa, a União dos Negros pela Igualdade pretende também ver como andam vivendo os babalorixás e as entidades a que

UNIÃO DOS NEGROS PELA IGUALDADE TAMBÉM PRETENDE VER COMO ANDAM OS BABALORIXÁS E AS ENTIDADES A QUE ELES ESTÃO LIGADAS

estão ligados. “Não sabemos muita coisa sobre a situação dos terreiros, ou sobre a qualidade de vida das pessoas envolvidas com o candomblé. Há uma grande dificuldade, porque os pais-de-santo e mães-

Ant

de-s
pres
trop
O
se r
193
em

dad
o e
C
par
diç
me

de-santo ainda temem muito a repressão da polícia”, explicou o antropólogo.

O antropólogo Manoel da Costa se refere ao período entre os anos 1937 e 1948, época do Estado Novo, em que os terreiros pernambucanos foram alvo de grandes atrocidades. “Por ordem de políticos e sem autorização alguma, policiais invadiam e fechavam as casas de candomblé. Os pais-de-santo, com medo de serem presos, enterravam os objetos dos rituais nas matas e nas praias. Por 10 anos as atividades ficaram quase paradas”, diz o estudioso.

Com isso, houve grande prejuízo para a cultura do Estado, pois as tradições negras são repassadas oralmente e, sem a prática, muitos ri-

tuais — ou mesmo as línguas africanas — deixaram de ser transmitidos.

O antropólogo ressaltava também que os terreiros sofreram prejuízos impostos desde o momento em que eram instalados no Estado. “Para se ter uma idéia da discriminação, os terreiros eram registrados na Secretaria de Costumes. A mesma que controlava os cabarés, os parques e outras casas de diversão”, disse Costa.

Por conta dessa antiga resistência, a União dos Negros pela Igualdade está apelando aos pais-de-santo e mães-de-santo do Estado para colaborar no trabalho, recebendo bem os pesquisadores e fornecendo-lhes informações corretas. Em Pernambuco, a equipe conta com 15 pessoas, todas ligadas à umbanda e portanto habilitadas a identificar as características dos terreiros para a pesquisa nacional.